

O IMIGRANTE ITALIANO NA NARRATIVA FICCIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Márcio Miranda Alves¹

Recebido em 22/04/2019. Aceito em 16/05/2019.

RESUMO: Este artigo analisa a presença do imigrante italiano e seus descendentes na narrativa ficcional do Rio Grande do Sul. Na história da literatura sul-rio-grandense, constata-se que apenas a partir da segunda metade do século XX o imigrante passou a ser um sujeito de interesse dos escritores regionais. Conclui-se que, apesar de haver um real desenvolvimento econômico da região de colonização italiana, propagado em discursos que amplificam as virtudes progressistas desse grupo, seus representantes raramente foram inspiração para o romance gaúcho.

Palavras-chave: Literatura sul-rio-grandense. Imigração. Colonização. Italianos.

O tema da literatura e imigração, ou da literatura *de* imigração, ou ainda da literatura *sobre* a imigração, tem se mostrado um terreno fértil nas últimas décadas, tanto por parte de ficcionistas brasileiros quanto de pesquisadores entusiastas dos estudos culturais. Enquanto a geração atual de descendentes volta-se para a narrativa memorialística, em busca de sentidos para o seu estar no mundo, os acadêmicos tentam explicar as significações dessa escrita que se abre para as questões do eu em constante diálogo com a geografia, a história, a cultura e, às vezes, a psicanálise.

No caso das relações entre a literatura brasileira e os imigrantes italianos pode-se afirmar que as produções começam a surgir antes mesmo do início do processo migratório e incluem desde textos cômicos e de divertimento, pios e exemplares, memorialísticos, evocativos e nostálgicos, até críticos e de denúncia (HOHLFELDT, 2001, p. 211). Embora a imensa maioria dessas obras tenha caído no esquecimento, muitos descendentes chegaram a alcançar certo prestígio no mundo das letras, principalmente aqueles oriundos

¹ Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2013). Professor adjunto da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

das áreas urbanas.² No entanto, quando se observa o fenômeno da colonização italiana no Sul do Brasil, onde o sucesso do desenvolvimento econômico costuma ser associado justamente aos esforços desse grupo, percebe-se que o imigrante poucas vezes despertou o interesse dos escritores como matéria-prima para a ficção.

Não é novidade que as particularidades históricas e geográficas do Rio Grande do Sul direcionaram os interesses dos ficcionistas gaúchos desde as primeiras publicações no século XIX. Não por acaso, como a crítica já apontou inúmeras vezes, os motivos de interesse desses autores sempre giraram em torno das guerras e revoluções, da política republicana, da crise do latifúndio, do homem e da paisagem do Pampa, etc. No entanto, para um Estado marcado pelo constante afluxo de imigrantes, entre eles alemães, poloneses, judeus e italianos, entre outros, cuja participação na cultura regional colaborou para a configuração de uma “identidade gaúcha”, é no mínimo curioso como o interesse da literatura pelo elemento estrangeiro parece não estar à altura da importância do fenômeno migratório.

Curiosamente, o discurso que coloca o imigrante à frente do nativo luso-brasileiro sempre ressalta as conquistas no âmbito do progresso material, mas raramente no das artes e das ciências humanas. Nas datas comemorativas (em 2014 completaram-se 190 anos do início da imigração alemã, e, em 2015, 140 anos da italiana), festas e pronunciamentos oficiais, o lugar de destaque está reservado ao imigrante quando o assunto trata das transformações da sociedade produtiva, elevada a níveis de excelência europeia graças à determinação laboral dos colonizadores. Sem querer desviar a reflexão para os sentidos do discurso ideológico desse grupo, sobre o qual já existem estudos interessantes,³ o fato é

² Ver CLEMENTE, Elvo. A literatura de italianos e descendentes no Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 398-415. Elvo Clemente divide esses intelectuais nas categorias de “Clérigos e a literatura”, “Jornalistas literatos”, “Mulheres nas letras”, “Professores universitários” e “Escritores, poemas e críticos”.

³ Ver DACANAL, José H. A imigração e a história do Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H; GONZAGA, Sergius (Orgs.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 271-280. Além de Dacanál, algumas pesquisas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), têm apresentado conclusões interessantes sobre esse tema. Ver: BRANCHI, Ana Lia Dal Pont. *A etnização em Caxias do Sul: a construção da narrativa da "diversidade" no desfile da Festa Nacional da UVA de 2014*. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2016; GONÇALVES, Silvana Teresinha Tomazzoni. *O gaúcho e o colono: variações de um discurso mítico nas eleições municipais de 1996 e 2000 em Caxias do Sul*. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2016.

que o universo das colônias – tão caro ao projeto político que buscava diversificar, para não dizer branquear, os grupos sociais no Rio Grande do Sul – tem despertado um tímido interesse nos escritores sul-rio-grandenses, salvo exceções que apontarei a seguir.

No sistema literário gaúcho, o imigrante não luso-brasileiro começa a protagonizar obras ficcionais *sobre* o Rio Grande do Sul somente a partir da segunda metade do século XX. Antes disso, uma ou outra obra surgiu no interior dos núcleos coloniais, em geral com a finalidade de exaltar um mundo idílico e próspero onde prevalecia a supremacia racial e a qualidade congênita para a fé e o trabalho. No caso dos italianos, pode-se citar como exemplo *Vita e storia de Nanetto Pipetta*, de Aquilles Bernardi, publicado entre 1924 e 1926 em capítulos no jornal *Stafetta Rio Grandense*, mais tarde *Correio Riograndense*, e que teve sua primeira edição em livro em 1937. Embora tenha sido escrito para divertir os colonos, satirizando as dificuldades enfrentadas na colônia, o livro reforça o preconceito, apresentando o negro como preguiçoso, ladrão e bandido, e ajuda a propagar a crença de que apenas o trabalho leva ao enriquecimento e que ninguém trabalha mais ou melhor do que o imigrante. No caso dos alemães, justiça seja feita a Carl von Koseritz, cujo reconhecimento reside muito mais na atividade jornalística e na campanha em torno do naturalismo científico do que propriamente em suas novelas e dramas escritos no século XIX e que ainda aguardam estudos críticos mais aprofundados. Nascido em Dessau, no ducado de Anhalt, em 1830, Koseritz participa das revoluções liberais na Alemanha e embarca para o Brasil em 1851, juntamente com a Legião Alemã contratada pelo Império brasileiro para lutar contra Rosas no Prata. Quatro anos após sua chegada, começa a colaborar para os jornais *Der Einwanderer*, de Porto Alegre, e *O Noticiador*, de Pelotas. No ano seguinte publica seu primeiro livro no Brasil, *Resumo da História Universal*, e em 1858 adquire uma tipografia, em parceria com um sócio, com a qual passa a editar o *Brado do Sul*, o primeiro jornal diário de Pelotas. Nesses anos iniciais de atividade jornalística, Koseritz também escreve seus primeiros dramas e contos, como as peças *Inês e Nini*, ambas de 1859, seguindo a corrente do teatro romântico, e as narrativas *A donzela de Veneza* e *A véspera da batalha*, de 1858, publicadas no caderno literário *Ramalhete Rio Grandense*. Em *A donzela de Veneza*, Koseritz aproveita a repercussão negativa entre os intelectuais acerca da invasão austríaca no norte da Itália para escrever uma novela identificada com os seus princípios liberais.

Após a participação de Koseritz como escritor e intelectual do final do século XIX, nenhum outro nome de relevo entre os imigrantes surge nas letras sul-rio-grandenses nas décadas seguintes. Pior do que isso, a figura do imigrante praticamente desaparece das narrativas produzidas no Rio Grande do Sul. Essa ausência do imigrante no *corpus* da ficção gaúcha, como já sugeriu João Ernesto Weber (1980), explica-se pelo contexto social e econômico do período, em que prevalecia a estrutura do latifúndio e da exploração da pecuária. Nesse cenário, a literatura volta-se para a exaltação da vida campeira, inflando os valores da estância e a superioridade do “monarca das coxilhas” como resposta à autoridade da classe dominante do Brasil central, o que resume em certa medida as origens do Regionalismo Gaúcho. Vivendo da exploração econômica da pequena propriedade, o imigrante era uma espécie de pária na sociedade gaúcha, isolado social e culturalmente do resto da Província. Ele não estava inserido no ambiente típico da estância, logo não poderia se tornar um elemento de interesse literário. “Ao imigrante, [...], num Estado dominado pelas oligarquias assentadas na Campanha, restava, quando muito, postular um papel subalterno nas lutas entre as facções oligárquicas.” (WEBER, 1980, p. 260)

Exceto em alguns escritos de Simões Lopes Neto (1865-1916), como “Correr equada” e “Ataque de marimbondos”, os imigrantes e as regiões coloniais começam a aparecer na literatura gaúcha nos romances de Erico Verissimo, notadamente em *O tempo e o vento*, e Vianna Moog, com *Um rio imita o Reno*, nas décadas de 30 e 40. Mais tarde, já nos anos 70 e 80, a saga dos imigrantes reaparece em obras de Josué Guimarães, como *A ferro e fogo* (1972-1975); Gladstone Mársico, em *Cogumelos de outono* (1972); Charles Kiefer, em *Valsa para Bruno Stein* (1986) e *A face do abismo* (1988); Moacyr Scliar, com *A guerra no Bom Fim* (1972); Luiz Antonio de Assis Brasil, em *Um quarto de légua em quadro* (1976) e, mais adiante, *Videiras de cristal* (1990).

Regina Zilberman, em *A literatura no Rio Grande do Sul* (1992), dedica apenas seis páginas para apresentar a ficção que aborda de alguma forma os grupos de imigrantes instalados na região. A seção intitulada “A colonização”, subtítulo para o capítulo “História e Política”, traz breves comentários sobre as narrativas de Josué Guimarães, que tratam dos primeiros momentos da vida dos imigrantes alemães, de Luiz Antonio de Assis Brasil, com os colonizadores açorianos, e de Moacyr Scliar, em relação à comunidade judia. Sobre a saga italiana e seus escritores, há apenas um parágrafo em que lembra os componentes do Grupo Matrícula, sobre os quais trataremos adiante.

Erico Verissimo, também lembrado pela historiadora, não por acaso recebe mais destaque em outras seções da obra. Por conta da característica central da ficção de Erico, principalmente em *O tempo e o vento*, que tinha um propósito bem definido de (re)contar a história da formação do Rio Grande do Sul, seria natural que diferentes grupos de imigrantes fizessem parte da galeria de seus personagens. No entanto, esses personagens ocupam sempre uma posição periférica em relação às personagens centrais de seus romances, que são quase sempre gaúchos “nativos”.

O médico alemão Carl Winter, de *O tempo e o vento*, é o personagem estrangeiro de melhor acabamento na obra de Erico. No entanto, a função de Winter limita-se a atuar como um observador da sociedade gaúcha, expondo com um olhar de fora o *modus vivendi* do sul-rio-grandense. Apesar de a colonização alemã ter sido conduzida no Rio Grande do Sul em sua maioria por agricultores, artesãos e pequenos burgueses que viajavam em busca de melhores condições de vida, geralmente pouco instruídos, Erico Verissimo opta por abordar o tema da imigração a partir de um sujeito culto que foge da Alemanha por motivos políticos. Dos diálogos, pensamentos e cartas escritas pelo médico surge um gaúcho bem diferente daquele até então idealizado pela historiografia e a literatura regionalista.

Além de desnudar o gaúcho dos regionalistas – “Tratava-se positivamente duma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha” (VERISSIMO, 1956, p. 563) – Winter também tece comentários nada favoráveis aos seus conterrâneos. Para o médico, “muitos deles eram estúpidos e cheios de preconceito” (1956, p. 554), havendo entre eles os que se envergonhavam do título de colonos e declaravam serem exilados políticos, rejeitando a imagem do imigrante que foge da fome e dos impostos. Apesar de a maioria prosperar, Winter não deixa de notar que muitos haviam assimilado “todos os maus hábitos dos naturais da terra”, vivendo amasiados com mulatas e negras, andando descalços, habitando ranchos miseráveis e contaminados pela sífilis. Eram desprezados pelos estancieiros e, por sua vez, desprezavam os luso-brasileiros. “Era triste ver como em seus baús e sacos, junto com roupas e tarecos, haviam trazido para o Brasil todos os prejuízos, rivalidades e mesquinhez de suas aldeias natais. Não compreendiam – os insensatos! – que lhes seria possível passar a vida a limpo naquela pátria nova” (1956, p. 554).

No caso dos italianos e seus descendentes, as alusões são muitas, mas nenhuma personagem tem a força de Carl Winter. Isso não significa, necessariamente, que Erico Verissimo tenha desprezado a participação dos ítalo-brasileiros no processo de formação da sociedade gaúcha. Suposto que o escritor tivesse realmente um projeto literário voltado para desmitificar a história do Rio Grande do Sul, como ele afirma em suas memórias, nada mais natural que tenha incluído em suas histórias a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento da região, seja ele tanto no que tange ao progresso econômico quanto em questões de identidade cultural. Se o escritor não fez de um imigrante um protagonista talvez seja porque até então o imigrante vivia à margem dos grupos sociais dominantes na estrutura social gaúcha. O processo de inversão dessa realidade, que se consolida na segunda metade do século passado, coincide com uma combinação de fatores que incluem a crise do modelo econômico latifundiário, a aceleração do processo de industrialização, do qual os imigrantes foram beneficiários graças a projetos públicos (principalmente a ferrovia), a perda de poder das velhas oligarquias e a consequente ascensão da burguesia urbana.

Diferentemente do que ocorre com Carl Winter, que opina tanto sobre os nativos quanto sobre os seus pares, em relação ao pensamento dos italianos nada se sabe. Tudo o que o romance apresenta sobre esse grupo parte de um narrador com onisciência limitada, que apenas reproduz diálogos ou descreve uma ou outra característica temperamental dos personagens. Em geral, nas narrativas de Erico Verissimo os imigrantes italianos constituem-se sempre a partir do ponto de vista do gaúcho, ao contrário do que se constata em relação ao elemento alemão.

Em *Música ao longe*, os personagens têm percepções diferentes da crise moral e econômica que afeta a família Albuquerque, representante do latifúndio da Campanha. Vasco culpa o apego à tradição e a recusa dos antigos em aceitar os novos costumes; Clarissa acredita que o problema está no conflito familiar desencadeado por pessoas intolerantes; e os mais velhos atribuem a causa de todo mal ao imigrante italiano. Em Jacarecanga, à medida que os Albuquerque perdem suas propriedades em hipotecas não resgatadas, a família Gamba prospera rapidamente com as atividades comerciais. “[...] agora estão aqui os seus descendentes a caminho da pobreza, inertes, sem esperança, dependendo da tolerância dum imigrante que mal sabe assinar o nome” (VERISSIMO, 1987, p. 29), reflete João de Deus, chefe da família.

Na trilogia *O tempo e o vento*, os personagens que descendem de italianos são muitos e gravitam em torno do Sobrado da família Cambará. Gabriel Luigi, filho de italianos da fictícia colônia de Garibaldina, torna-se prático da farmácia de Rodrigo Cambará e acaba sendo por este apadrinhado. Dante Camerino, filho de um humilde funileiro (dono da Funilaria Vesúvio), torna-se médico graças a Rodrigo, que paga seus estudos do ginásio até a Faculdade de Medicina. A Marco Lunardi, Rodrigo fornece a quantia de dinheiro necessária para que o italiano possa abrir uma fábrica de massas em Santa Fé. Já o médico-cirurgião Carlo Carbone troca a Itália por Santa Fé para trabalhar na casa de saúde dos Cambará. Quando Rodrigo entra para a política e perde o interesse pela medicina, nos anos de 1920, Carbone e Camerino compram a farmácia e a casa de saúde.

Em *O tempo e o vento* não se percebe uma identificação do narrador com o discurso da “ideologia do trabalho” no meio colonial, segundo a qual a industrialização gaúcha surge do nada graças ao sacrifício do trabalho e da capacidade superior do imigrante. No plano da ficção, o elemento italiano necessita de um empurrão do luso-brasileiro para progredir materialmente, mas isso ocorre apenas na “cidade”, bem longe da colônia. Por sinal, o caminho mais curto para a integração social dos imigrantes, na trilogia, está no abandono da agricultura e no acúmulo de bens materiais no meio urbano. Com o sucesso nos negócios, o imigrante pode comprar o seu lugar na sociedade e entrar para o seletivo Clube do Comércio de Santa Fé, cujo acesso depende da posição social conquistada com dinheiro – o famoso “estar bem de vida”. Em outras palavras, a aristocracia rural apenas “tolera” o imigrante bem-sucedido.

Avançando no tempo cronológico da narrativa, em meados do século XX, os descendentes de imigrantes começam a disputar um lugar de destaque nos postos de gerência na esfera pública. Nas eleições de 1945, o personagem Lino Lunardi, “candidato de Getúlio”, tenta uma cadeira na Assembleia Legislativa. Tio Bicho, o intelectual de Santa Fé, afirma que Lunardi vai ser eleito porque “tem todas as qualidades para vencer. É analfabeto e filho de pai rico” (VERISSIMO, 1963, p. 596).

A opinião de Tio Bicho sinaliza na narrativa o preconceito do sul-rio-grandense em relação ao elemento estrangeiro. Um juízo mais elaborado sobre esse assunto parte de Terêncio Prates, herdeiro oligarca inconformado com a “crise da tradição”, que trabalha na elaboração de um ensaio intitulado “Tradição e hierarquia”. A tese central do estudo de Prates é a de que os costumes gaúchos estão sendo deturpados sob a influência de tudo que

vem de fora, particularmente o cinema, a literatura e os imigrantes (os “gringos”). A reflexão de Prates indica que o “caminho para a salvação” seria o retorno à “tradição da estância, à tutela do estancieiro patriarcal, ao culto das qualidades mestras da nossa raça: coragem pessoal, firmeza de caráter, cavalheirismo, desprendimento, franqueza” (VERISSIMO, 1963, p. 848). Para isso acontecer seria necessário “buscar inspiração no passado, resistir moralmente ao gringo nos dias de hoje como nos velhos tempos resistimos fisicamente ao castelhano invasor” (p. 848).

Essa rejeição ao elemento colonizador também aparece em *Música ao longe*. Publicada em 1935, a narrativa aborda a falência do modelo produtivo das estâncias. Para os estancieiros da tradicional família Albuquerque, a culpa da derrocada pertence aos imigrantes da família Gamba, que se aproveitam das hipotecas para aumentar seu patrimônio. A crítica da obra reside no fato de que enquanto o gaúcho vive da herança e se recusa a trabalhar com outra coisa que não seja a atividade pecuária, atrelada a sistemas ultrapassados, o imigrante diversifica sua atividade comercial e cresce juntamente com a nova classe burguesa urbana. Para o patriarca João de Deus, “um Albuquerque não pode fazer tal coisa. Trabalhar sob as ordens dum imigrante sórdido que já foi seu subalterno? Nunca.” (VERISSIMO, 1987, p. 68)

Em *Olhai os lírios do campo* ocorre um processo inverso no movimento campo-cidade, em que a personagem Olívia deixa Porto Alegre para trabalhar temporariamente na maternidade de um hospital na fictícia Nova Itália (Caxias do Sul?). Olívia mostra-se empolgada com a oportunidade, que na verdade não passa de uma fuga ao amor não correspondido de Eugênio. Este não esconde sua opinião sobre a colônia: “Eu morreria de tédio numa colônia como Nova Itália. Sempre achei essa história de parreiras, colonos, vida simples e não sei mais que... muito bonito em poesia” (VERISSIMO, 1997, p. 92). Embora a opção pela vida na Serra tenha sido uma escolha pensada, isso não diminui a sensação de desconforto e de mal-estar de Olívia, que troca o ambiente urbano de Porto Alegre pela rusticidade de uma colônia. Em cartas escritas a Eugênio, ela revela uma percepção negativa em relação ao inverno (“horível”), ao tempo (“chuvoso”, “cerração”), às estradas (“barro”) e à casa (“goteira”), sentimento que associa o ambiente colonial às dificuldades do cotidiano e à tristeza.

Por outro lado, valores culturais caros ao discurso do descendente de imigrante italiano também são tratados com humor na ficção de Erico. Em relação à religiosidade, há

uma situação em *O tempo e o vento* que, no mínimo, ridiculariza a relação entre padre e fiéis no universo pecaminoso de Santa Fé, microcosmo do Rio Grande do Sul. Sem dinheiro suficiente para construir uma nova igreja na colônia italiana, Padre Kolb anuncia que está vendendo cadeiras no céu. Nas palavras de Toríbio Cambará, “os preços variavam conforme a posição das cadeiras. Quanto mais perto de Deus, mais caro era o lugar”. Os colonos naturalmente ficam assanhados e começam a reservar lugares no outro mundo. Viúvos pagavam quantias maiores para conseguirem cadeiras perto das falecidas. O resultado foi que o padre “forrou o poncho” e arrecadou o dinheiro que queria. Rodrigo logo simpatiza com o pároco e afirma: “O Padre Kolb é um grande homem. Faço questão de conhecê-lo”.

Em *Incidente em Antares*, as notas do diário do professor Martim Francisco Terra registram pessoas e coisas pitorescas de Antares. Por meio desse diário, conhecemos o fotógrafo lambe-lambe Yaroslav, natural da extinta Checoslováquia. Ele é conhecido por “Rei dos Passarinhos” porque tem o costume de espalhar alpiste e migalhas na praça para alimentar os pássaros. Em uma cidade onde também habitam descendentes de italianos, essa proximidade do eslavo com os pássaros tem tudo para acabar em algum tipo de atrito. Como se sabe, pombas, codornas e outras variedades de aves e pássaros são iguarias na cozinha do descendente de imigrante italiano. Segundo os apontamentos de Martim Terra, Yaroslav odeia os italianos em geral e, em particular, o proprietário da barbearia Bela Sicília, Jesualdo Aspromonte. O eslavo justifica-se: “Porque os italianos, esses bárbaros, comem passarinhos. E o Jesualdo tem canários, pintassilgos e cardeais presos em gaiolas”. (VERISSIMO, 2000, p. 153)

Se os luso-brasileiros são os protagonistas das histórias, isso indica que o escritor procurava narrar a conjuntura da formação do Rio Grande do Sul colocando-os ao centro, onde estiveram pelo menos até o final da primeira metade do século passado. Essa opção que, parece claro, segue um projeto literário consciente, não procura exaltar atos de bravura ou feitos heroicos dos grupos minoritários. O escritor sublinha o rápido progresso material dos descendentes de italianos, mas passa longe de qualquer exaltação ingênua que pudesse repetir discursos do senso comum que costumam dar ao imigrante o status de inventor da indústria, dotado pela natureza de uma imbatível superioridade laboral. De qualquer forma, os imigrantes estão lá, ora servindo aos interesses dos sul-rio-grandenses,

ora se apropriando de fatias importantes do espaço público e privado que foram deixadas, por estes, pelo caminho.

Por outro lado, muito embora os descendentes de italianos tenham comemorado em 2015 um século e quatro décadas desde a chegada dos primeiros imigrantes nas colônias da Serra Gaúcha, são poucos os escritores oriundos desse grupo que conseguiram reconhecimento junto aos leitores e à crítica e romperam as barreiras do regional. Entre eles, Oscar Bertholdo, José Clemente Pozenato e Jayme Paviani.⁴

Os três foram integrantes do Grupo Matrícula, que surge em 1967 a partir da publicação de uma coletânea homônima e que incluía ainda o escritor Ary Trentin. Bertholdo, assassinado durante um assalto em sua residência, em Farroupilha (RS), em 1991, publicou ao menos 10 livros de poemas, além de ter participado de algumas antologias. Se por um lado tematiza em sua poesia os ritos da religião cristã, por outro não deixa de valorizar os costumes do imigrante italiano. Paviani tornou-se professor universitário e, apesar de ter escrito e publicado poesia, tem maior reconhecimento na área da filosofia.

Já o escritor e tradutor José Clemente Pozenato destacou-se na prosa e escreveu o sempre lembrado *O quatrilho*,⁵ livro integrante de uma trilogia composta ainda por *A Babilônia* e *A Cocanha*. Em suas obras, narra os primeiros anos da imigração na região da Serra, procurando evidenciar os lances históricos que marcaram o processo de colonização, mas sem forçar a nota em tons laudatórios. Não por acaso, a aceitação de Pozenato nasce justamente de seu desprendimento das amarras de teor regionalista no trato da matéria, em uma obra “realista” sobre o universo da imigração.

Em *A Cocanha*, a narrativa acompanha os emigrantes desde a sua partida, na Itália, até os primeiros anos de fixação nas colônias da atual Caxias do Sul. Embora procure apresentar um quadro fiel dos hábitos e costumes desses colonos, Pozenato também não se furta a desmitificar certos aspectos que passaram a fazer parte do discurso laudatório em

⁴ Evidentemente a história da literatura regional registra muitos outros prosadores, poetas e cronistas que são descendentes de italianos e residem na região, muitos deles ligados de alguma forma à atividade jornalística. No entanto, seus círculos de leitores também se concentram na região.

⁵ À exceção de *Vita e storia de Nanetto Pipetta*, *O quatrilho* é a única obra de um escritor da região de colonização italiana, e que narra a história dessa mesma região, citada na *Literatura gaúcha*, de Luís Augusto Fischer. Adaptado para o cinema em 1995, o romance ganhou notoriedade quando o filme dirigido por Fábio Barreto foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro no ano seguinte.

torno das capacidades superiores dos descendentes. Nesse romance, ao mesmo tempo em que os personagens demonstram uma força de vontade singular para vencer as adversidades e reconstruir as suas vidas, também são apresentados como figuras frágeis que sucumbem aos vícios e às tentações como qualquer outro ser humano. Pozenato também não se furta a abordar o papel da Igreja Católica como elemento ordenador do imigrante italiano, na medida em que a religião se manifesta ora como motivo de integração ora de discórdia, levando com o seu dogma os personagens a aceitarem pacificamente as agressões do Estado ou mesmo aquelas que nascem no seio familiar.

Na última década, alguns escritores oriundos da região de colonização italiana conseguiram relativa expressão em meio aos leitores e à crítica. O nome de maior expressão, sem dúvida, trata-se de Natália Borges Polesso, 37 anos, nascida em Bento Gonçalves e residente em Caxias do Sul. Natália venceu o Prêmio Açorianos de 2013, com *Recortes para álbum de fotografia sem gente*, e o Prêmio Jabuti de 2016, com *Amora*, ambos na categoria de contos. Particularmente em relação à *Amora*, os contos via de regra tratam das relações homoafetivas entre mulheres, em situações de autoconhecimento e de identidade de gênero. São histórias que não trazem nenhuma identificação com o elemento italiano ou a região de origem da autora.

Outro escritor de Caxias do Sul, Pedro Guerra, 27 anos, alcança certa popularidade principalmente entre o público estudante jovem. Pedro estreou em 2013 com *A rainha está morta*, uma história de investigação criminal envolvendo a tradicional Festa da Uva. A obra foi uma das mais vendidas na Feira do Livro de Caxias do Sul daquele ano e está na sétima edição. Em 2016, Pedro venceu o Prêmio Açorianos de Literatura, na categoria Infantojuvenil, com *Precisava de você*. Muito presente nas redes sociais e nas escolas, Pedro Guerra aposta em estratégias de marketing para divulgar as suas obras, o que inclui até distribuição gratuita de exemplares aos motoristas no trânsito. Apesar de suas histórias transcorrerem no espaço de Caxias do Sul e incluírem símbolos conhecidos da cidade, elas tampouco fazem menção à italianidade da região. Ou seja, ao menos para esses autores da região de colonização italiana, contemporâneos do século 21, ser testemunha de uma época

e de um espaço não significa necessariamente produzir textos com a marca de uma “escrita de experiência regional”.⁶

Nesse sentido, parece evidente que existe um descompasso entre o bem-sucedido desenvolvimento da região de colonização italiana e o trato reservado ao imigrante e seus descendentes na literatura ficcional gaúcha. Se por um lado os discursos institucionais e até certo ponto os historiográficos delegaram e ainda delegam ao imigrante o papel de agente civilizador e propulsor do progresso econômico e social no Rio Grande do Sul, por outro esse imigrante não desperta o interesse dos ficcionistas, que sempre perceberam matéria-prima mais rica no nativo do Pampa. Exceto nas obras e autores anteriormente citados, considerados aqui como os mais significativos, a “louvação da estância” (WEBER, 1980, p. 258) foi a postura que marcou a ficção sul-rio-grandense de forma praticamente exclusiva até o fim da primeira metade do século XX, e que, apesar de não ser a única nas décadas seguintes, ainda continua sendo uma referência difícil de ser contraposta – prova disso está na relativa popularidade das narrativas de Tabajara Ruas, Luiz Antonio de Assis Brasil, Letícia Wierzchowski e Sérgio Faraco. Evidentemente muitos outros prosadores gaúchos produziram obras relevantes nas últimas décadas. No entanto, a intenção desta reflexão não se volta à reprodução da história da literatura gaúcha, cujas obras já publicadas dão conta do essencial, mas, sim, a evidenciar que como “inspiração” literária o imigrante italiano não alcançou o mesmo prestígio que seus propagados valores para o trabalho.

REFERÊNCIAS

CLEMENTE, Elvo. A literatura de italianos e descendentes no Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias & carisma**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 398-415.

DACANAL, José H. A imigração e a história do Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H; GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 271-280.

⁶ Ideia desenvolvida por Jens Stüben quando investiga a literatura regional a partir dos autores de língua alemã do Leste Europeu. Ver: STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Org.). *Regionalismus – Regionalismos*. Caxias do Sul: Educ, 2013. p. 37-73.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura gaúcha**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

HOHLFELDT, Antonio. La letteratura dell'emigrazione di lingua italiana in Brasile. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias & carisma**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001. p. 196-239.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Org.). **Regionalismus - Regionalismos**. Caxias do Sul: Educs, 2013. p. 37-73.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento I**: O continente, v. 2. Porto Alegre: Globo, 1956.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento III**: O arquipélago, v. 3. Porto Alegre: Globo, 1963.

VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. 49. ed. São Paulo: Globo, 2000.

VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. 72. ed. São Paulo: Globo, 1997.

VERISSIMO, Erico. **Música ao longe**. 38. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

WEBER, João Ernesto. O imigrante na ficção gaúcha. In: LANDO, Aldir Marli et al. Organização de José H. Dacanal e Sergius Gonzaga. **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 256-280.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

THE ITALIAN IMMIGRANT IN THE FICCIONAL NARRATIVE OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: This paper analyzes the presence of the Italian immigrant and his descendants in the fictional narrative of Rio Grande do Sul. In the history of the Rio Grande do Sul literature, it is verified that, only from the second half of the twentieth century, the immigrant became an interesting subject for regional writers. It is concluded that, although there is a real economic development of the Italian colonization region, which is spread in discourses that amplify the progressive virtues of this group, its representatives were rarely inspiration for the gaucho novel.

Keywords: Rio Grande do Sul literature. Immigration. Colonization. Italians.